

O que é Casamento?

Alan D. Myatt

O homem disse,

“Esta, sim, é osso dos meus ossos
e carne da minha carne!
Ela será chamada ‘mulher’,
porque do homem foi tirada”.

Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. (Gênesis 2:23-24, NVI)

O que é casamento? Ele tem uma natureza peculiar que o torna diferente dos outros tipos de relações nas quais as pessoas entram – seja através de associação contratual ou informal? O que o estabelece e o constitui? Há nele uma essência imutável? Ou é algo que foi criado pelos humanos e que, portanto, está disponível para ser reconstruído de acordo com o que o padrão social considere conveniente?

Essas são questões profundas que têm sido pressionadas sobre a nossa cultura pelas correntes da pós-modernidade. O resultado disso é o lamaçal relativista no qual estamos afundando rapidamente. Estamos na encruzilhada de duas visões de cultura que se encontram de frente. Duas cosmovisões que lutaram juntas pela lealdade da nossa cultura por quase dois séculos estão agora divididas em duas culturas distintas travadas numa batalha por eras.

Na visão da tradição judaico-cristã, o casamento não é algo que foi inventado ou construído pelos humanos à medida que eles desenvolveram uma estrutura social. Antes, ele é algo dado. É uma coisa que foi constituída na própria natureza da humanidade para fornecer o contexto básico no qual o cumprimento do propósito humano em edificar um lar e levantar uma posteridade fosse realizado. Ele é uma ordenança da criação, e como tal, tem um status ontológico que sobrepuja os desejos e os caprichos daqueles que desejariam moldá-lo à própria imagem deles. De fato, o casamento tem um caráter transcendental que ultrapassa as diferenças relativas que se levantam entre culturas diferentes.

A chave para entender a essência do casamento é encontrada no versículo 24 de Gênesis capítulo 2, citado acima. A partir desse texto podemos ver que pelo menos três coisas têm de acontecer para se estabelecer um casamento: 1) um homem deixa o seu pai e a sua mãe. 2) ele é unido à sua esposa, e 3) eles se tornam assim uma só carne. Cada um desses passos é essencial para se estabelecer os limites que separam o casal de todos os outros e para si mesmos, e por conseguinte, essencial para a integridade do relacionamento matrimonial. Para entender o que o casamento é, devemos refletir sobre cada um desses pontos.

Limite 1 - Deixar

O primeiro limite é estabelecido quando cada pessoa deixa o seu pai e a sua mãe. Embora o homem seja mencionado no texto, claramente a mulher está inclusa, visto que ela também deve deixar a sua casa se uma família independente há de ser estabelecida. Assim, aqui temos o estabelecimento essencial dos limites que definirão a criação de um novo lar. A nova família constitui uma entidade autônoma na relação para com a família de origem. Os pais devem liberar seus filhos. Os filhos, assumindo lugares na sociedade como adultos responsáveis, devem se preocupar com as necessidades de suas próprias famílias.

Uma transferência de lealdades e prioridades está envolvida nisso. Não é que os pais sejam abandonados, mas antes que um limite é traçado ao redor do novo casal, o qual não envolve os pais nem qualquer outro membro da família anterior. O limite se expandirá para incluir os filhos que nascerão no novo lar, mas somente com a condição de que eles também serão eventualmente liberados para formar suas próprias famílias. Os pais são os responsáveis por nutrir, defender e encontrar satisfação dentro desse limite em primeiro lugar. Todas as outras relações sociais, profissionais ou da família estendida vem depois. Finalmente, não deve haver

nenhuma intromissão indevida na nova família pelos pais do casal. Deixar significa deixar, não apenas no sentido físico, mas no sentido de independência verdadeira.

Limite 2 – Unir

O segundo passo é a união do homem e da mulher. Há três coisas de importância nessa declaração. Primeiro, há um macho e uma fêmea que se unem. Segundo, que é somente um deles que é unido ao outro. Terceiro, que eles são, de fato, unidos. Observaremos cada uma dessas separadamente.

Primeiro, a natureza do casamento entre um homem e uma mulher reflete que esta é a união de dois que são iguais e, todavia, não iguais. Embora cada indivíduo seja um ser humano completo, há algo sobre a união dos dois que é mais do que simplesmente a soma de dois indivíduos. O relato da criação tem o homem olhando primeiramente para os animais e percebendo que não havia nenhum como ele. Para aliviar esse estado de solidão, Deus criou uma parceira para o homem que seria igualmente capaz de se unir a ele. Para essa união ocorrer, foi necessário que o parceiro fosse uma fêmea.

Segundo, que o desígnio original da criação era a monogamia tem frequentemente sido obscurecido pelo fato de que parece, superficialmente pelo menos, que a Bíblia dá aprovação a relacionamentos poligâmicos. Afinal de contas, é dito, a Bíblia fala de figuras tais como Jacó, Davi e Salomão, entre outras, que tinham várias esposas (hoje conhecido como relacionamentos poli-amorosos). Esses homens foram reconhecidos como homens santos, até mesmos profetas, assim, isso não coloca o selo de aprovação de Deus no casamento poligâmico? Ou pelo menos, isso não mostra que a Bíblia não é consistente aqui?

Penso que uma olhada objetiva no que a Bíblia nos diz sobre esses relacionamentos dissipará quaisquer noções sobre o estabelecimento deles ser possivelmente normativo. Por exemplo, parece que entre o povo do Antigo Testamento, esses relacionamentos eram muito mais a exceção do que a regra. A prática comum era um homem e uma mulher. Parece que a poligamia era mais comum para aqueles em situações de riqueza e poder. Então, quando examinamos esses relacionamentos, vemos que invariavelmente eles exibem todas as razões pelas quais eram, antes de tudo, uma má idéia.

Tome o caso de Raquel e Lia, as esposas de Jacó. Desde o momento em que Jacó se casou com as duas em Gênesis 29, até os relacionamentos de seus filhos, o fato do casamento plural era uma fonte constante de discórdia, rivalidade, intriga e miséria geral na vida da família. Não pode ser dito algo muito melhor do caso de Davi e suas esposas, embora no caso de Salomão, suas esposas é que foram ultimamente culpadas por afastar seu coração do Senhor (1 Reis 11). O fato de que a Bíblia registra a poligamia nas vidas de homens que conheciam a Deus não é um endosso para esta prática. Ora, a ocorrência de Davi ser mostrado cometer adultério e assassinato não é um sinal de que estamos livres para imitá-lo! A Bíblia nos mostra o fato de que a poligamia era praticada, e ela nos mostra seus resultados desagradáveis, mas nunca dá sua aprovação. Sem dúvidas de que esses exemplos servem para reforçar o plano original para o casamento como monogâmico.

Em terceiro lugar, a união do casal aqui é mais do que apenas um relacionamento casual. A palavra hebraica (*debeq*) significa “apegar-se a” ou “grudar-se a”, tanto no sentido literal como figurado. Ela descreve o modo como as partes do corpo se apegam (Jó 19:20), e o sentido de lealdade a um amigo e líder amado (Rute 1:14; 2 Samuel 2:20). A mesma palavra raiz é usada para descrever a soldagem ou junção das juntas do revestimento num pedaço da armadura usada pelo rei (1 Reis 22:34). O ponto é que esse “apegar-se a” é algo que assume o papel de uma ligação que não pretende-se que seja quebrada.

A questão é: como tal relacionamento é estabelecido? Certamente não através da união casual de duas pessoas. Não, antes ele implica que um compromisso é feito, e pode ser forçado. Em outras palavras, ele implica que o casamento deve ser selado tanto como um relacionamento pactual entre o homem e a mulher, bem como um contrato legal diante da autoridade civil. O primeiro é necessário pelo fato de que o “apegar-se a” envolve o fazer promessas solenes nas quais um se compromete ao outro, enquanto o último fornece os meios para a sociedade manter as partes

responsáveis por guardar suas promessas. Isso fornece recurso também para a parte injuriada, no caso das promessas serem quebradas.

Esse é o porquê o mui ultrajado “pedaço de papel” é necessário para a união ser válida. Ele protege os direitos de ambas as partes e demonstra para qualquer um que eles tratam seriamente o compromisso que estão fazendo. Falhar em se fazer um pacto legalmente obrigatório é apenas um sinal de que não há definitivamente nenhum compromisso real. Isso significa que uma ou ambas as partes está usando a outra mais como um meio para satisfazer seus próprios desejos egoístas do que um verdadeiro e incondicional doar de si em amor. Morar junto não legitima um relacionamento, e nenhuma quantidade de lamúrias auto-justificadoras de que vocês estão “apaixonados” muda isso. Você pode se sentir como se estivesse apaixonado, mas um relacionamento que busca derivar do outro os benefícios do casamento (quer sexual ou emocional) sem a disposição para entrar num pacto legalmente obrigatório é apenas uma forma de usar egoisticamente um ao outro. O ato não está dizendo “eu te amo incondicionalmente por quem você é”, mas antes “eu te amo e gosto do que posso receber de você, mas tão logo o andar se torne difícil, me reservo ao direito de partir”. Como disse, esse tipo de relacionamento simplesmente carece de verdadeiro compromisso.

A verdadeira unidade, então, como descrita por se apegar um ao outro, significa se tornar fundido como um. Assim como o metal soldado se une de tal forma a se tornar inseparável, assim também o casal cresce em unidade.

Limite 3 – Uma Carne

Finalmente, e mais importante, a essência do casamento pode ser mais bem entendida explicando-se o significado de se tornar “uma carne” como Gênesis 2:24 conclui. É tornar-se uma carne que dá o significado concreto a cada uma das questões discutidas anteriormente. O que exatamente está envolvido nisso e de que forma ele coloca o casamento à parte, como uma instituição única?

A primeira coisa a ser dita é que se tornar uma carne relaciona-se ao simples e óbvio fato da união sexual. Como uma mera função biológica, há uma unidade física que ocorre quando um entra no outro e os dois são momentaneamente unidos na experiência intensa e prazerosa da relação sexual. Contudo, não é o mero ato do intercurso que produz a unidade carnal descrita na Escritura. De fato, argumentei em outro lugar que o real disfarce moral e emocional do sexo casual é que ele é um assalto sobre exatamente esse aspecto do que foi intencionado na relação matrimonial, e por essa razão ele é ultimamente prejudicial e mata a alma. Ele destrói gradualmente a capacidade da pessoa entrar numa unidade espiritual e emocional que o casamento pretende ser.

Tornar-se uma carne significa uma união profunda e crescente entre marido e mulher. Isso pode ser visto observando-se o significado da palavra hebraica para “carne” (*bāsār*) como ela é usada nesse texto:

(*bāsār*) ... é visto como um dos componentes do ser humano, os outros sendo especialmente *lēb* “coração” e *nepeš* “alma” (Salmo 16:9; etc.). Contudo, seria inapropriado pensar que os hebreus concebiam uma alma viva habitando um corpo morto. Antes, eles viam a realidade humana como permeando todos os componentes com a totalidade sendo a pessoa.

Assim, “alma” e “corpo” são diretamente paralelos em vários lugares, principalmente nos Salmos (cf. 84:2 “A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!”, ARA). Dessa forma, referir-se a alguém como sendo “carne e osso” (Gênesis 2:30) de uma pessoa era dizer mais de que eles compartilham a mesma herança corporal. Novamente, dizer que um homem e uma mulher se tornam uma carne no ato sexual (Gênesis 2:24) é dizer mais de que eles estão unidos corporalmente.¹

¹ Harris, R. L., Harris, R. L., Archer, G. L., & Waltke, B. K. (1999, c1980). Theological Wordbook of the Old Testament (electronic ed.) (Page 136). Chicago: Moody Press.

Na poesia hebraica, o paralelismo é uma forma de repetir a mesma coisa enfaticamente usando palavras com significados similares. Não é tanto o caso da alma e a carne serem a mesma coisa, mas sim o delas serem uma unidade indivisível que compõem a pessoa toda. Que o que está unido à carne, está da mesma forma unido ao espírito. A conexão que o espírito deseja, a carne clama também. A necessidade é sentida em todo o ser da pessoa, e é isso o que a união de se tornar uma carne pretende significar.

Esse é o porquê o apóstolo Paulo ficou tão absolutamente chocado com a noção dos crentes em Cristo terem relações com prostitutas. Ele diz:

Vocês não sabem que os seus corpos são membros de Cristo? Tomarei eu os membros de Cristo e os unirei a uma prostituta? De maneira nenhuma! Vocês não sabem que aquele que se une a uma prostituta é um corpo com ela? Pois, como está escrito: “Os dois serão uma só carne” (1 Cor. 6:15-16, NVI).

A união espiritual do crente com Cristo é central para a experiência cristã. Mas como pode alguém que está espiritualmente unido a Cristo ser também um com uma prostituta? Sim, essa é uma união do corpo, mas a suposição é que essa união equivale a uma união espiritual também. União sexual com uma prostituta cria uma unidade ilícita e profana que atrapalha a união espiritual do crente com Cristo. Tal coisa é uma perversão monstruosa; uma justaposição do absolutamente incompatível.

Assim, a unidade da carne que existe no casamento é a união completa de duas pessoas, vista visivelmente na relação sexual, mas estendendo-se ao centro do ser da pessoa numa profunda ligação emocional e espiritual. O que isso significa é que, contrário às noções confusas do hedonismo americano, sexo não é apenas algo que você faz com o seu corpo. É algo que alcança as profundezas da alma. O ato sexual deve significar um meio de se cultivar e aprofundar essa ligação espiritual. E significativamente, a natureza da ligação espiritual e emocional que a sexualidade pretende criar é espelhada no próprio ato sexual biologicamente condicionado. A despeito de quais sejam as forças do politicamente correto para ele, biologicamente a unidade natural e normal da carne de dois seres humanos pode ocorrer somente entre um homem e uma mulher ao mesmo tempo. Nenhuma quantidade de reconstrução ou redefinição do casamento pelos ativistas e juristas de esquerda pode mudar essa realidade. Quer as relações sejam com múltiplos parceiros ou entre aqueles do mesmo sexo, nenhum grau de contorções corporais pode modificar o fato de que o natural biológico adequado na relação sexual é entre um homem e uma mulher. O que se aplica à adaptação biológica natural se estende à adaptação espiritual e emocional que está tão intimamente ligada a ela. Somente um homem e uma mulher são espiritualmente adequados um para o outro de forma que um verdadeiro casamento ocorra.

A profundidade real da ligação espiritual é mostrada no que os teólogos chamam de a teoria traducianista da propagação da raça humana. Enquanto alguns teólogos têm sustentado que quando uma nova criança é concebida, Deus cria diretamente uma alma que ele lhe concede, a maioria dos teólogos protestantes tem sustentado uma visão diferente. Citando o fato da união espiritual bem como biológica da raça, aqueles que defendem o traducianismo crêem que o crescimento da humanidade tem envolvido o desenvolver da natureza humana original, transmitida na criação, a medida que cada par de pais procria, resultando numa nova vida humana. Em outras palavras, o processo reprodutivo não somente produz o corpo, mas também um novo espírito. O aspecto espiritual da natureza humana é um elemento essencial dela, não uma parte adicional agregada após o ato. Por conseguinte, o espírito da própria criança emerge da união das duas sementes que são dadas pelos pais na relação sexual deles. Como isso ocorre pode ser um mistério. Mas ele aponta as profundas implicações da natureza da união espiritual que o sexo pretende significar. A consumação da unidade da carne dos pais cria literalmente uma pessoa nova e independente, tanto física como espiritualmente.

O vínculo íntimo entre reprodução e casamento não significa, contudo, que somente casais capazes de reproduzir possam ser verdadeiramente casados. Ser infértil não desqualifica alguém da capacidade de se tornar uma carne com um membro do sexo oposto. Paulo não proibiu relações sexuais com prostitutas somente nos casos onde a gravidez pudesse ocorrer. Ele o condenou por causa do que a relação sexual significa, quer haja reprodução ou não. A ligação emocional e espiritual que constituiu a uma carne do casamento ainda é possível para o casal

infértil tanto quanto para o fértil. Tudo o que é exigido é que o casal seja constituído de um macho e uma fêmea.

A implicação clara a ser traçada de tudo isso é que se tornar uma carne, que é a essência do casamento, envolve um peculiar e profundo complexo de ligação física, emocional e espiritual que pode ocorrer somente entre um homem e uma mulher num relacionamento monogâmico compromissado. A ligação amorosa entre dois homens ou duas mulheres em amizade pode ser muito profunda. Mas ela nunca pode ser qualitativamente a mesma como a unidade da carne que é obtida no casamento. Visto que essa unidade da carne é essencial para definir o casamento, é claro que nenhum relacionamento homossexual jamais pode ser qualificado de modo concebível nessa categoria. A noção de um casamento homossexual é um oxímoro, nada mais. Ele é uma entidade não existente por definição. Declarar que um relacionamento homossexual é um casamento pela declaração legal é dar status legal a uma ficção. Isso não faz, e na verdade não pode fazer, com que ele seja uma realidade.

Alguém pode comentar, nessa conjuntura, que muitos casamentos parecem estar longe do tipo de ligação espiritual e emocional que estou descrevendo aqui. Eu seria o primeiro a admitir que isso é absolutamente verdadeiro. Num mundo caído, onde o pecado tem nos prejudicado, o casamento é uma luta até mesmo para o mais emocionalmente saudável. Aqueles que sofrem com as feridas da família e com a disjunção social podem enfrentar todos os tipos de dificuldades ao estabelecer um relacionamento de uma só carne verdadeiro. Ter uma licença de casamento não garante que ele acontecerá automaticamente. Mas as dificuldades apresentadas ao se tratar com um mundo caído não tornam vazio o padrão apresentado na criação. Pelo menos o padrão é o objetivo, e o potencial para alcançá-lo nessa vida é muito real, embora o mesmo não venha a ser com perfeição. Mas em nenhum ponto isto abre a possibilidade de definir o casamento como algo que ele não é. Mesmo após a queda o padrão permanece: um homem e uma mulher em um relacionamento monogâmico.

Que o casamento é a união de membros do sexo oposto é algo tão profundamente arraigado na natureza humana que ele tem sido assumido, sempre e em todo lugar, sendo fato sem qualquer discussão. Até mesmo sociedades como a antiga Grécia e Roma, onde as relações homossexuais e até mesmo pedófilas eram aceitas e liberalmente toleradas, nunca imaginaram que o casamento poderia ser algo senão a união de macho e fêmea. Todavia, hoje, em seu movimento mais arrogante, a cultura pós-moderna ousa derrubar o consenso de toda a história humana para entrar numa experiência que destruirá a própria natureza do que ela tão desesperadamente deseja redefinir como lhe agrada. Pois tal destruição será o resultado inevitável.

Se uma palavra significa tudo, então ela não significa definitivamente nada. Se os limites do casamento são legalmente estendidos para incluir o que não é intrínseco à sua natureza, então seus limites terão que se tornar arbitrários. Não há nenhuma razão, legal ou outra qualquer, para estendê-los a fim de incluir parceiros múltiplos, parentela consanguínea, e até mesmo crianças nesse caso. Qualquer um que deseje morar junto pode constituir um “casamento”, e o próprio termo cessará de ter qualquer significado útil. O status privilegiado de mãe/pai, lar com os pais, tão essencial para o bem-estar da sociedade, terá sido perdido. Sem esse status, durante quanto tempo ele existirá antes de se desintegrar inteiramente?

Como um ministro, um dos meus privilégios mais felizes é conduzir cerimônias de casamento. Como uma questão prática, eu pergunto: Como você determinaria os rituais nupciais de um casal do mesmo sexo? Quero dizer, do que nesse mundo vocês os chamariam? Todo mundo entende o que um marido e uma mulher são, mas o que você diz a um casal homossexual no final da cerimônia? Eu agora vos declaro... o quê? O que eles estão se tornando? Marido e mulher? Não, esse tipo de linguagem obviamente não representa o que eles são. Mas esse é o problema em poucas palavras. Um casamento requer um marido e uma mulher. Se os parceiros não são marido e mulher, então o que eles são exatamente?

Sem dúvida aqueles que estão tentando redefinir a realidade do casamento inventarão algum novo (e assim politicamente correto) apelido para ser aplicado aos parceiros do mesmo sexo. Mas declarar que uma coisa é assim não a constitui assim. A realidade concreta da natureza é teimosa como essa. Ela simplesmente se recusa a dobrar-se, até mesmo após ser repetidamente espancada pelos caprichos débeis que brotam do desejo humano mal orientado. Somente um Ser existe cuja Palavra (Logos) tem o poder criativo de constituir a realidade. E ele não é um

membro do GLAD (*Gay and Lesbian Advocates and Defenders*). Mas sua autoridade judicial continua a triunfar sobre a Corte Suprema de Massachusetts, e a propósito, dos Estados Unidos. Ele terá a palavra final.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Original: http://imagovertatis.myatts.net/comments.php?id=173_0_1_0